

## **MORBUS, DE JOHN LOCKE\***

Alessandra Tsuji\*\*  
(Tradução do inglês)

### **APRESENTAÇÃO**

Para a presente tradução de *Morbus* em língua portuguesa recorremos à transcrição de Jonathan C. Walmsley (2000, p. 390-393), com auxílio da versão em francês publicada por Claire Crignon (2016, p. 383-388). Não obstante, aproveitamos para mencionar a existência de uma transcrição publicada por Patrick Romanell (1984, p. 207-209)<sup>1</sup>. O referido manuscrito compõe um dos *Commonplace books*<sup>2</sup>, ou cadernos de anotações, de John Locke (1632-1704), dedicados a temas de interesse médico, cujo título, embora esteja em latim, refere-se ao texto, inacabado, redigido pelo filósofo originalmente em inglês e à mão, e que atualmente compõe o acervo da *British Library*, em Londres, sob a classificação *Additional Manuscript* (Add. MS.) 32.554.

Estima-se que Locke tenha escrito *Morbus* entre a segunda metade de 1666 e os primeiros meses de 1667, anos finais de sua passagem por *Christ Church*, Oxford, localidade de sua formação em medicina<sup>3</sup>. Em seu propósito central, o manuscrito é um ensaio sobre a origem das doenças, a evidenciar que os estudos de Locke não se restringiram ao currículo oficial de *Christ Church*, então baseado fundamentalmente na filosofia natural aristotélica e na medicina humoral de Galeno (129-216), mas se estenderam a correntes divergentes, amparadas seja nas concepções herdadas de Paracelso (1493-1541) e nas noções desenvolvidas pelo químico Jean Baptista van Helmont (1580-1644) – defendidas pelos chamados iatroquímicos –, seja na filosofia natural mecanicista, base da medicina

---

\* Tradução recebida em 28/08/2024 e aprovada para publicação em 20/10/2024.

\*\* Doutoranda em Filosofia pela USP. Mestra e graduada em Filosofia pela USP. E-mail: alessandratsuji@gmail.com.

<sup>1</sup> Além dessas mencionadas, existe, em etapa de preparação, uma transcrição a ser publicada em material editado por Peter Anstey e Lawrence Principe. Ver: <https://openpublishing.psu.edu/locke/mss/c1666.html#m0007>

<sup>2</sup> Para a leitura de aprofundamento acerca dos métodos pelos quais Locke organizava seus cadernos de anotações e, mais especificamente, as datas e descrições dos cadernos de anotações médicas, ver: Milton (1997, p. 135-156); Stolberg (2014, p. 448-470).

<sup>3</sup> Ainda é pouco difundido no Brasil, sobretudo fora dos meios acadêmicos, que Locke interessou-se pela medicina, mantendo registros de autores e leituras sobre o tema pelo menos desde 1652, ou seja, mesmo antes de iniciar seus estudos oficiais na área em 1658, em *Christ Church*, após a titulação em *Master of Arts* (M.A) até a obtenção do grau de *Bachelor of Medicine* (B.M), naquela instituição, quando também conduzia em paralelo seus estudos autodirigidos. Ver: Woolhouse (2007, p. 32-34).

denominada iatromecânica. A leitura de *Morbus* anuncia ao leitor que Locke bem conhecia a natureza dos embates entre tais correntes médicas no período, além de ser instrutiva pois evidencia o empenho do médico filósofo em sustentar, no que concerne ao adoecimento, uma teoria capaz de ultrapassar tais conflitos. Locke empreende essa tarefa por meio de comparação entre a origem das doenças nos seres humanos e o da geração, na botânica, via mobilização das noções helmontianas de fermento e de *Archei*<sup>4</sup>, bem como pelo questionamento do modelo mecanicista, sem todavia dispensar por completo a contribuição da teoria dos humores (embora estes sejam mencionados no manuscrito mais propriamente como elementos fortuitos). Parece-nos proveitoso, ao fim desta brevíssima apresentação, assinalar que, nas últimas décadas, *Morbus* tem ensejado interessante e esclarecedora discussão acerca da aproximação entre o pensamento de Locke naquele período e o corpuscularismo presente na obra de Robert Boyle (1627-1691)<sup>5</sup>.

\*\*\*

## 1 MORBUS (DOENÇA)

*/f.118v/* Suponho que uma outra teoria das doenças, mais racional, possa ser estabelecida com base em princípios distintos daqueles dos Galenistas ou dos Paracelsianos, considerando que no grande mundo algumas coisas são produzidas por princípios seminais e outras pela mera mistura das partes, à qual podem ser acrescentadas as assistências circunstanciais de calor e frio etc. Por princípios seminais ou fermentos denomino algumas partículas pequenas e sutis de matéria, aptas a transmutar porções muito maiores desta, atribuindo-lhe nova natureza e novas qualidades; alteração que não poderia ser provocada por nenhum outro meio conhecido, mas que parece depender inteiramente da operação ou atividade desse princípio seminal e não de alguma diferença própria à matéria em si, que tenha sofrido a mudança. Assim é que várias sementes colocadas na mesma porção de terra alteram a umidade desta, que é a nutrição comum de todas elas; de maneira que, conseqüentemente */f.119r/*, eu penso, plantas distintas, que resultam diferentes tanto em suas qualidades quanto em seus efeitos, não são produzidas

---

<sup>4</sup> Concebidos como princípios vitais, os *Archei* estariam presentes em cada organismo (*Archeus influus*), e em cada órgão (*Archeus insitus*) e seriam aptos a formarem, por meio da ação de fermentos seminais, segundo van Helmont, as sementes das quais se produz a doença (Debus, 2002. p. 779-781; Pagel, 1972. p. 421-438).

<sup>5</sup> Recomendamos a leitura de dois artigos que comportam interpretações distintas sobre tal questão: Anstey, 2002. p. 357-377; Walmsley, 2002. p. 378-397.

simplesmente pela simples filtração<sup>6</sup> de nutrientes através de seus poros que, em cada planta, são de formas e tamanhos distintos. Pois seria então difícil conceber essas partes tão distintas de uma mesma planta, cujas diferenças são suficientemente manifestas pela forma, tamanho, odor etc., nos frutos, folhas, nós, flores, sementes, polpa, casca etc. das plantas; o que dificilmente se pode supor seja feito por partes que não tinham outra diferença senão a que procedia dos poros da raiz e ramo caulinar e que, portanto, dificilmente poderiam ser suficientemente variadas. Mas, além disso, a conversão<sup>7</sup> de uma mesma água em diversas plantas de diferentes tipos, como hortelã e manjerona etc., não pode ser efetuada simplesmente filtrando-a através dos diferentes poros dessas plantas, mas deve ser realizada por um procedimento mais potente do que este é capaz de produzir num corpo tão simples e homogêneo. E acredito que toda a filtração do mundo não seria suficiente para que as partes da água produzissem o odor de qualquer uma dessas plantas. Além disso, há nos ramos de hortelã colocados numa garrafa de água algumas partes geradas a partir da água e por ela nutridas que não podem ser feitas por filtração, como o são as pequenas raízes que brotam no fundo. /f.121r/ Por meio desse fermento seminal, as partes líquidas de um ovo são transformadas em um pintinho, algo que não consigo conceber como pode ser feito por meio de filtração, já que as partes duras e consistentes são produzidas a partir de produto macio e líquido. Da mesma forma, enxertos de vários tipos, enxertados no mesmo caule, transformam, por seus fermentos seminais, a seiva comum da macieira em frutos de tipos muito diferentes. Como funcionam esses pequenos e imperceptíveis fermentos – esse potente *Archeus* – confesso que não posso compreender satisfatoriamente, embora seus efeitos sejam evidentes. Mas, ainda assim, acredito que valeria a pena investigar quais doenças surgem desses fermentos, tais como acredito serem os casos das doenças contagiosas, suficientemente evidentes na coceira, em que ao simples contato com as partes externas do corpo os fermentos daquela doença incômoda, que se insinua em seu corpo, produzem aquelas escaras que posteriormente são imputadas pelos Galenistas aos humores coléricos, embora se possa observar que muitas doenças dessa natureza não são devidas à constituição particular do corpo, conquanto alguns temperamentos sejam mais suscetíveis a este ou aquele fermento. Contudo, se a virtude seminal for suficientemente forte, ela se estabelecerá em qualquer um

---

<sup>6</sup> Destacamos aqui a efetivação via mudança na disposição de partículas preexistentes (tal como o relógio se origina a partir de uma certa disposição das molas, engrenagens etc.) como característica central do modelo mecanicista de geração por filtração. Claire Crignon indica, para a compreensão desse modelo, oposto aqui ao modelo amparado na noção de geração por fermentação (próprio da química helmontina), a leitura de Boyle, 1999-2000, v. 5, p. 328. Ver nota 1 em: Crignon (2016, p. 385).

<sup>7</sup> Conversão (*conversion*, no original) comporta aqui o sentido de transmutação.

dos casos. Portanto, a maioria das sementes crescerá em quase todos os solos; se bem que em alguns /f.126r/ elas prosperem muito melhor, enquanto em outros morram de fome ou murchem. Assim, observa-se facilmente que a tez sanguínea possui mais facilidade para receber os princípios seminais da peste, enquanto os temperamentos melancólicos têm mais dificuldade. E em todas essas doenças seminais a falha não parece estar no sangue e nos humores, nem na sua maior ou menor disposição para receber e nutrir esse princípio seminal. Se ele próprio não tivesse interferido neles e não os tivesse corrompido com a ajuda desse fermento heterogêneo e hostil, o corpo teria permanecido em seu estado normal de saúde. Pois em algumas úlceras alimentares não podemos conceber racionalmente que essas partículas corrosivas – que destroem tão rapidamente e com tanto vigor não só a carne mas também os ossos e as partes mais duras do corpo –, se forem geradas no sangue por alguma corrupção interna e original, e se a massa de sangue for tão depravada que seja corrosiva o suficiente para corroer até os próprios ossos em uma parte precisa do corpo, possam circular sem danos nas outras partes, bem mais delicadas e macias, a menos que exista algum liquor capaz de corroer coisas mais duras, mas de tocar outras coisas de textura mais fina sem danificá-las. No entanto, não vejo como as úlceras se devam à acidez /f.127r/ e à depravação do sangue. Não vejo por que o sangue deveria ao mesmo tempo corroer uma perna tão cruelmente e ao mesmo tempo nutrir tão cautelosamente a outra, essa mesma massa de sangue circulando indiferentemente em ambas, a menos que tenha havido algum fermento seminal que em sua passagem o corrompeu em uma, enquanto ele passou imperturbável pela outra. O método para curar as doenças, suponho, seria encontrar remédios para destruir esses fermentos específicos e fortalecer as partes contra sua ação. Outras doenças, suponho, provavelmente podem ser concebidas como produzidas por uma simples mistura de dois ingredientes impróprios, como quando ácidos e sais voláteis são misturados e produzem uma ebulição, e então os dois sais diferentes coagulam em uma terceira substância, suficientemente diferente de qualquer um dos ingredientes, o que suponho não seja feito por nenhum princípio seminal. A diferença entre esta operação e aquelas que envolvem princípios seminais é que as últimas partem de um começo muito pequeno e quase imperceptível *et mole minima*<sup>8</sup> transformam, em sua própria natureza /f.127v/, os objetos<sup>9</sup> sobre os quais exercem sua influência. Forçam-nos a obedecer ao seu movimento e alteram consideravelmente a natureza dos corpos que estejam aptos a receber sua impressão, ou, ainda, em outros produzem menor efeito, permanecendo

---

<sup>8</sup> Tradução do latim: e com o menor tamanho.

<sup>9</sup> Termo no original: *subjects*.

latentes e imperceptíveis. Suas operações geralmente são uniformes em corpos diferentes, produzindo a mesma coisa e progredindo a partir de um início lento e secreto, a ganhar força e intensidade continuamente. Mas na outra operação, onde o efeito é produzido pela mistura e união de corpos distintos, o contrário aparece. Deve haver uma quantidade razoável e proporcional de ambos os ingredientes e um não prevalece sobre o outro, mas ambos juntos geralmente produzem um terceiro, que não participa da natureza de nenhum dos outros, e tampouco é apto para produzir os mesmos efeitos que nas produções seminais. Nestas, o princípio seminal aumenta e se propaga por si mesmo; opera igualmente em todos os corpos, ou então não funciona; pois é fácil observar a diferença que existe (quanto ao modo de produção) entre a ebulição do sangue que é causada pelo consumo excessivo de vinho e aquela produzida pela mordida de algum animal venenoso, onde embora o poder de *f.128r*/ calor da febre possa ser praticamente o mesmo, a maneira de produção e o método de cura são muito diferentes.

## REFERÊNCIAS

ANSTEY, Peter. Robert Boyle and Locke's 'Morbus' entry: a reply to J. C. Walmsley. **Early Science and Medicine**. Online publication: Brill. v. 7, n. 4, p. 357-377, 2002. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4130173>. Acesso em: 16 out. 2024.

BOYLE, Robert. **The works of Robert Boyle**. Ed. Michael Hunter and Edward. B. Davis. London: Pickering & Chatto. 14 vol. 1999-2000.

CRIGNON, Claire. **Locke médecin**: manuscrits sur l'art médical. Coll. Textes de philosophie. Paris: Classiques Garnier, 2016.

DEBUS, Allen G. **The chemical philosophy**: paracelsian science and medicine in the Sixteenth and Seventeenth Centuries. Mineola, N.Y.: Dover Publications Inc. 2002. (versão digital, e-pub).

LOCKE, John. **Writings on medicine and natural philosophy**. Ed. Peter Anstey & Lawrence Principe. The Clarendon Edition of the Works of John Locke. Oxford: Clarendon Press. (em preparação).

MILTON, John R. John Locke's Medical Notebooks. **The Locke Newsletter**. v. 28, p. 135-156, 1997. Disponível em: <https://ojs.lib.uwo.ca/index.php/locke/issue/view/1263/189>. Acesso em: 16 out. 2024.

PAGEL, Walter. Van Helmont's concept of disease. To be or not to be? The influence of Paracelsus. **Bulletin of the History of Medicine**. v. 46, n. 5, p. 421-438, 1972. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44450113>. Acesso em: 16 out. 2024.

ROMANELL, Patrick. **John Locke and medicine: a new key to Locke**. New York: Prometheus Books, 1987.

STOLBERG, Michael. John Locke's 'New Method of Making Common-Place-Books': Tradition, Innovation and Epistemic Effects. **Early Science and Medicine**. v. 19, n. 5, p. 448-470, 2014. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24269399>. Acesso em: 16 out. 2024.